

DATALUTA



BOLETIM DATALUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, novembro de 2020, número 155. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATALUTA

**BREVES REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO AGRÁRIO PARAIBANO A PARTIR DOS
CENSOS AGROPECUÁRIOS 2006 - 2017**

ARTIGO DO MÊS

**ADENTRANDO TERRITÓRIOS E MENTES: A VALE E SUA ATUAÇÃO NA CULTURA
DAS COMUNIDADES MARANHENSES AO LONGO DO CORREDOR DE CARAJÁS:
APONTAMENTOS A PARTIR DA METODOLOGIA EM GEOGRAFIA**

Acesse aqui: <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

EVENTOS

XXV Encontro Nacional de Geografia Agrária – ENGA 2021

UEPA/Belém – Pará, 07 a 14 de abril de 2021.

XX Encontro Nacional Geógrafas e Geógrafos – ENG 2021

USP/São Paulo – São Paulo, julho de 2021 (data a definir).

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



**Experiências
históricas de
Reforma Agrária no
mundo.**

Org.: João Pedro
Stédile.

Este livro, primeiro volume de uma coleção sobre a reforma agrária no mundo, apresenta o debate em torno das diferentes experiências de reforma agrária nos diferentes países, uma vez que o conhecimento destas experiências é uma grande lacuna imposta a nós pela hegemonia dos interesses do capital e do latifúndio como um todo.



**Webinar Rede
DATALUTA**

Realização: Rede DATALUTA.

Canal de webinars da Rede DATALUTA, a rede de grupos de pesquisas em Geografia Agrária mais ampla do Brasil. Confirmam os vídeos que já estão disponíveis, resultados de seminários virtuais com os mais variados temas!

Para ver:

<https://www.youtube.com/c/REDEDATALUTA/videos>



**PodCast Unesp –
Pod Territorial.**
Autores: Vários

O PodCast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para ouvir/baixar:
<http://podcast.unesp.br/>

EQUIPE:

Revisão e Editoração: Danilo Valentin Pereira, Lucas Pauli (bolsista FAPESP), Lara Dalperio Buscioli (bolsista FAPESP), Aline Albuquerque Jorge (bolsista Capes), Angela dos Santos Machado (bolsista Capes), Lucas de Brito Wanderley (bolsista Capes) e Guilherme Magon Whitacker (bolsista FAPESP).

Coordenação: Janaina F. S. C. Vinha, Eduardo P. Girardi, Valmir J. de O. Valério (bolsista FAPESP) e Danilo Valentin Pereira.

Leia outros números do **BOLETIM DATALUTA** em

<https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/rede-dataluta/>

BREVES REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO AGRÁRIO PARAIBANO A PARTIR DOS CENSOS AGROPECUÁRIOS 2006 - 2017

Lucas Araújo Martins

Mestrando em Geografia – UNESP - Presidente Prudente

Membro do Grupo de Estudo sobre Espaço, Trabalho e Campesinato (GETEC)

lucas.a.martins@unesp.br

INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo contribuir com reflexões sobre as transformações recentes no espaço agrário paraibano a partir de dados censitários dos anos de 2006 e 2017, com ênfase em variáveis sobre a produção agropecuária e a estrutura fundiária. Destaca-se aqui que essas informações possibilitam entender sobre as dimensões nefastas do desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e seus aspectos desiguais e injustos.

O Censo Agropecuário é a principal pesquisa institucional que retrata a realidade agrária no Brasil, realizada atualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui uma longa trajetória que é iniciada em 1920, por seu caráter censitário pretende reunir dados em todas os estabelecimentos rurais. Apesar de ter uma rica e consolidada história já deixou de ser realizado, na década de 30 do século passado e, recentemente, passou por adiamentos em 2006 e 2017. Tal fato dificulta as comparações entre censos, pois em alguns casos além da periodicidade, há variações no uso do ano de referência, alguns utilizam o ano civil, outros, o ano-safra¹.

Ainda assim, o Censo é um importante aporte para pesquisadores que tem se proposto a estudar diferentes dimensões da questão agrária brasileira. Trabalhos como o de Barbosa, Mitidieiro Junior e Sá (2017), conseguem demonstrar por meios desses indicadores que os pequenos produtores agropecuários no Brasil, em 2006, foram responsáveis por produzir os alimentos que chegam na mesa do brasileiro. Em alguns casos, o que foi produzido por esses sujeitos representaram mais de 70% do total produzido, como é o exemplo da cebola (94,1%), do feijão fradinho (88,9%) e do feijão preto (88,1%).

Dessa forma ao reconhecer a relevância do Censo, não se busca esgotar e preencher todas as lacunas nas discussões, objetiva-se aqui, com esse texto, uma breve introdução aos temas supracitados contribuindo com reflexões sobre as especificidades recentes paraibanas.

ANÁLISE DOS DADOS

Conforme os censos de 2006 e 2017, na Paraíba o número de estabelecimentos agropecuários passou de 160.052 para 161.656 aumentando em 1.604 e a área total era 3.787.403 hectares (ha) e diminuiu em 362.864 (ha), totalizando 3.424.539 (ha), ver tabela 1.

Tabela 1 – Paraíba: número de estabelecimentos agropecuários e área (2006 e 2017)

¹ Corresponde ao período entre o 3º trimestre de um ano e o 2º trimestre do ano seguinte.

| Classes de área | | Pequeno (0 a 100 ha) | | Médio (100 a 500 ha) | | Grande (500 ha acima) | |
|--|----|-------------------------|-----------|-----------------------------------|-----------|--------------------------|----------|
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Número de estabelecimentos agropecuários com área (Unidades) | Nº | 152.797 | 155.477 | 6.199 | 5.297 | 1.056 | 882 |
| | % | 95% | 96% | 4% | 3% | 1% | 1% |
| Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares) | Nº | 1.491.825 | 1.457.087 | 1.230.937 | 1.047.389 | 1.064.641 | 920.063 |
| | % | 39% | 43% | 33% | 31% | 28% | 24% |
| Média de área | | 9,76 | 9,37 | 198,57 | 197,73 | 1.008,18 | 1.043,16 |
| Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017) | | | | Organização: Lucas Araújo Martins | | | |

Na tabela 1, é possível observar o número e área dos estabelecimentos agropecuários por classes de área em hectares (ha). Opta-se pela classificação da Paraíba utilizada por Barbosa e Mitdieiro Junior (2017) que considera pequenos os estabelecimentos de mais de 0 hectares (ha) até 100 ha, os médios os estabelecimentos de 100 a 500 ha e os grandes os estabelecimentos de 500 ha acima. Essa classificação tem como base a Lei Agrária de 1993 que regulamenta os dispositivos legais para realização da reforma agrária, bem como as pesquisas que analisaram a estrutura fundiária e a produção agropecuária brasileira, entre elas os trabalhos de Oliveira (2003) e Girardi (2008)².

Nota-se que o pequeno, apesar de representar a maior parte dos números de estabelecimentos (95% e 96%), tem uma área significativamente menor (39% e 43%). Quantitativos que seguem uma lógica inversa no médio e no grande com áreas proporcionalmente maiores ao número de estabelecimentos. Observa-se com esses valores a manutenção da desigual distribuição fundiária.

Apesar da persistência desse *status quo*, houveram alterações recentes na estrutura fundiária geradas pela redistribuição de terras proporcionada pela continuidade da política de reforma agrária, como sugerem Moreira e Targino (2014). E conforme Barbosa e Mitdieiro Junior (2017), também existem processos de transferência e fragmentação de grandes propriedades para familiares, objetivando evitar a desapropriação para fins de reforma agrária.

De todo modo, apenas a transferência e fragmentação de estabelecimentos preexistentes parecem insuficientes para explicar o fenômeno. Pois, salta-se aos olhos, que nesse período houve a queda generalizada da área sob domínio dos estabelecimentos em todas as categorias, seja pequeno, médio ou grande. Observa-se que os grandes e médios perderam em números absolutos e percentuais bem mais que os pequenos, inclusive. Assim, é necessário o aprofundamento de pesquisas para entender e explicar essas dinâmicas.

Outra variável importante é a utilização das terras que possibilita uma maior compreensão sobre a dinâmica da ocupação territorial, observar a tabela a seguir.

² Por serem trabalhos que analisam o Brasil, não se debruçam em especificidades regionais, utilizam como pequenos classes de área até 200 ha, médios de 200 a 2.000 ha, grandes acima de 2.000 há.

Tabela 2 – Paraíba: utilização das terras por área (2006 e 2017)

| Classes de área | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
|---------------------------------|----|--------------|---------|----------------|---------|----------------|---------|
| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Lavouras | Nº | 399.690 | 261.651 | 131.766 | 52.736 | 132.195 | 128.863 |
| | % | 60% | 59% | 20% | 12% | 20% | 29% |
| Pastagens | Nº | 611.035 | 449.125 | 592.915 | 365.175 | 476.796 | 271.044 |
| | % | 36% | 41% | 35% | 34% | 28% | 25% |
| Matas e/ou florestas | Nº | 272.559 | 592.784 | 320.417 | 545.177 | 303.270 | 391.528 |
| | % | 30% | 39% | 36% | 36% | 34% | 26% |
| Sistemas Agroflorestais | Nº | 100.826 | 25.356 | 101.306 | 30.797 | 74.875 | 13.819 |
| | % | 36% | 36% | 37% | 44% | 27% | 20% |
| Áreas não ocupadas ¹ | Nº | 107.751 | 128.174 | 84.534 | 52.918 | 77.481 | 35.445 |
| | % | 40% | 59% | 31% | 24% | 29% | 16% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

* Áreas não ocupadas, seja com lavouras, matas e/ou florestas, pastagens e sistemas agroflorestais.

A tabela 2 informa os diferentes usos da terra na Paraíba, mostra ao observar os valores absolutos em 2006 que a maior parte das terras dos estabelecimentos eram destinadas principalmente para a pastagem em todas as classes de área, porém esse protagonismo é alterado em 2017, onde matas e/ou florestas passam a representar o maior valor absoluto de uso. O crescimento de matas e/ou florestas 633.243 (há) pode ter explicação pela criação e ampliação de reservas legais, pelo replantio de matas e florestas, ou mesmo por mudanças legislativas. Vale destacar que a conservação formal de dada área, por vezes, não evita a exploração ou destruição de fato.

Os dados percentuais por classe de área, demonstram o protagonismo dos pequenos em relação aos demais no uso de lavouras em 2006 e 2017, mesmo com a redução da área nesse ano, fato que se repete com a redução das pastagens e com o aumento das áreas não ocupadas. Nas matas e/ou florestas o predomínio é dos médios em 2006 e em 2017 dos pequenos. E nos sistemas agroflorestais dos médios em ambos os anos. Os grandes não representam a maior parte em nenhum desses usos da terra. Na tabela 2 chama particularmente a atenção a participação dos pequenos na produção de alimentos.

A seguir (tabelas 3, 4, 5 e 6) haverá um maior detalhamento no número, área, quantidade produzida e valor de produção das lavouras temporárias.

Tabela 3 – Paraíba: principais lavouras temporárias em número de estabelecimentos (2006 e 2017)

| Classes de área | Pequeno | Médio | Grande |
|-----------------|---------|-------|--------|
|-----------------|---------|-------|--------|

| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
|------------------------------------|----|--------------|--------|----------------|-------|----------------|------|
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Milho em grão | Nº | 95.559 | 80.581 | 3.503 | 1.600 | 510 | 161 |
| | % | 96% | 98% | 4% | 2% | 1% | 0% |
| Feijão fradinho em grão | Nº | 70.688 | 72.885 | 2.488 | 1.352 | 340 | 141 |
| | % | 96% | 98% | 3% | 2% | 0% | 0% |
| Fava em grão | Nº | 19.005 | 33.017 | 199 | 197 | 15 | 8 |
| | % | 99% | 99% | 1% | 1% | 0% | 0% |
| Mandioca (aipim, macaxeira) | Nº | 20.731 | 26.684 | 106 | 99 | 18 | 8 |
| | % | 99% | 100% | 1% | 0% | 0% | 0% |
| Feijão verde | Nº | 21.205 | 23.570 | 551 | 290 | 84 | 39 |
| | % | 97% | 99% | 3% | 1% | 0% | 0% |
| Feijão de cor em grão | Nº | 19.302 | 16.149 | 354 | 126 | 65 | 9 |
| | % | 98% | 99% | 2% | 1% | 0% | 0% |
| Abóbora, moranga, jerimum | Nº | 6.314 | 14.705 | 152 | 192 | 24 | 23 |
| | % | 97% | 99% | 2% | 1% | 0% | 0% |
| Feijão preto em grão | Nº | 4.692 | 7.619 | 62 | 28 | 6 | 3 |
| | % | 99% | 100% | 1% | 0% | 0% | 0% |
| Forrageiras para corte | Nº | 1.211 | 4.637 | 158 | 333 | 38 | 63 |
| | % | 86% | 92% | 11% | 7% | 3% | 1% |
| Melancia | Nº | 2.589 | 4.480 | 199 | 176 | 35 | 16 |
| | % | 92% | 96% | 7% | 4% | 1% | 0% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

O Censo demonstra que na Paraíba o milho, o feijão (fradinho, verde, preto), a mandioca, os gêneros alimentícios acima estão entre as principais lavouras temporárias em números de estabelecimentos, em todos esses casos o pequeno representa mais de 90% do total.

Tabela 4 – Paraíba: principais lavouras temporárias em área colhida (2006 e 2017)

| | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
|-----------------------|----|--------------|-------|----------------|-------|----------------|--------|
| Classes de área | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Cana-de-açúcar | Nº | 13.497 | 2.630 | 16.465 | 5.280 | 50.203 | 96.856 |

| | | | | | | | |
|------------------------------------|----|---------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|
| | % | 17% | 3% | 21% | 5% | 63% | 92% |
| Milho em grão | Nº | 30.4255 | 38.560 | 30.533 | 26.154 | 4.281 | 3.850 |
| | % | 90% | 56% | 9% | 38% | 1% | 6% |
| Classes de área | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Feijão fradinho em grão | Nº | 178.973 | 33.486 | 13.402 | 19.334 | 3.139 | 2.304 |
| | % | 92% | 61% | 7% | 35% | 2% | 4% |
| Mandioca (aipim, macaxeira) | Nº | 19.685 | 11.382 | 440 | 2.624 | 39 | 343 |
| | % | 98% | 79% | 2% | 18% | 0% | 2% |
| Feijão de cor em grão | Nº | 40.906 | 8.541 | 2.687 | 3.642 | 251 | 300 |
| | % | 93% | 68% | 6% | 29% | 1% | 2% |
| Feijão verde | Nº | 34.670 | 8.048 | 2.293 | 3.047 | 502 | 433 |
| | % | 93% | 70% | 6% | 26% | 1% | 4% |
| Sorgo forrageiro | Nº | 354 | 1.186 | 407 | 2.213 | 166 | 3.932 |
| | % | 38% | 16% | 44% | 30% | 18% | 54% |
| Fava em grão | Nº | 16.252 | 54.59 | 384 | 1.490 | 28 | 121 |
| | % | 98% | 77% | 2% | 21% | 0% | 2% |
| Forrageiras para corte | Nº | 35.6321 | 1.471 | 7.973 | 2.429 | 1.707 | 1.479 |
| | % | 97% | 27% | 2% | 45% | 0% | 27% |
| Milho forrageiro | Nº | 1.248 | 860 | 599 | 1.587 | 189 | 1.947 |
| | % | 61% | 20% | 29% | 36% | 9% | 44% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

No período analisado houve redução na área total das lavouras, o pequeno estabelecimento continuou tendo destaque entre as classes de área. Na tabela 4, observa-se a diminuição da produção do feijão, acompanhada do crescimento da cana-de-açúcar em propriedades acima de 500 ha. Nota-se que anteriormente esse cultivo não estava nem entre as 10 principais lavouras em número de estabelecimentos (tabela 1) e é colhida sobretudo em grandes propriedades.

Vale ressaltar que a produção canavieira tem uma importância histórica nos processos de ocupação do território paraibano. De acordo com Moreira e Targino (1997), emergiu como agente catalisador da colonização, gerindo o processo de povoamento da costa oriental do Nordeste, caracterizado pelo trabalho

escravo, pela concentração fundiária e pela monocultura, dinâmicas econômicas e sociais que encontram paralelos na atualidade. A tabela 1 demonstra sua presença e relevância na produção da Paraíba ainda hoje.

Tabela 5 – Paraíba: principais lavouras temporárias em quantidade produzida - 2006 e 2017

| Classes de área | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
|--|----|--------------|---------|----------------|---------|----------------|-----------|
| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Cana-de-açúcar (Toneladas) | Nº | 560.177 | 345.982 | 713.671 | 749.256 | 2.325.551 | 4.013.793 |
| | % | 16% | 7% | 20% | 15% | 65% | 79% |
| Abacaxi (Mil frutos) | Nº | 5.2926 | 76.518 | 4.525 | 16.203 | 9.840 | 0 |
| | % | 79% | 83% | 7% | 17% | 15% | 0% |
| Mandioca (aipim, macaxeira) (Ton.) | Nº | 88.694 | 75.980 | 3.077 | 2.951 | 246 | 337 |
| | % | 96% | 96% | 3% | 4% | 0% | 0% |
| Classes de área | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Sorgo forrageiro (Toneladas) | Nº | 3.470 | 30.496 | 5.493 | 15.293 | 2.300 | 16.944 |
| | % | 31% | 49% | 49% | 24% | 20% | 27% |
| Forrageiras para corte (Toneladas) | Nº | 1.166.995 | 44.764 | 30.647 | 9.915 | 4.854 | 4.302 |
| | % | 97% | 76% | 3% | 17% | 0% | 7% |
| Milho em grão (Toneladas) | Nº | 175.372 | 33.467 | 20.139 | 2.152 | 3.873 | 517 |
| | % | 88% | 93% | 10% | 6% | 2% | 1% |
| Cana forrageira (Toneladas) | Nº | 8.694 | 9.643 | 2.344 | 6.114 | 1.206 | 2.215 |
| | % | 71% | 54% | 19% | 34% | 10% | 12% |
| Milho forrageiro (Toneladas) | Nº | 3.567 | 10.099 | 4.416 | 4.940 | 537 | 2.258 |
| | % | 42% | 58% | 52% | 29% | 6% | 13% |
| Feijão fradinho em grão (Toneladas) | Nº | 72.418 | 10.494 | 4.986 | 464 | 926 | 154 |
| | % | 92% | 94% | 6% | 4% | 1% | 1% |
| Feijão verde (Toneladas) | Nº | 18.958 | 7.306 | 1.393 | 148 | 232 | 64 |
| | % | 92% | 97% | 7% | 2% | 1% | 1% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

Na Paraíba, conforme a tabela 5, a maior parte dos alimentos que chegam à mesa da população são produzidos em estabelecimentos menores de 100 ha. Devido às qualidades próprias dos cultivos que refletem diferentes medidas é difícil criar comparação entre eles, alguns são medidos em toneladas outros em quantidades de frutos. Evidencia-se a relevância da cana-de-açúcar na produção dos grandes estabelecimentos, enquanto o milho e o sorgo têm destaque para os médios. Nas demais culturas, as pequenas propriedades atingem patamares de produção superiores a 50% e em alguns casos superam os 90%.

Tabela 6 – Paraíba: principais lavouras temporárias por valor da produção (mil reais) - 2006 e 2017

| Classes de área | | Pequeno (0 a 100 ha) | | Médio (100 a 500 ha) | | Grande (500 ha acima) | |
|-----------------------------|----|-------------------------|--------|-------------------------|--------|--------------------------|---------|
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Cana-de-açúcar | Nº | 50.311 | 11.231 | 45.516 | 24.409 | 111.363 | 410.439 |
| | % | 24% | 3% | 22% | 5% | 54% | 92% |
| Abacaxi | Nº | 17.763 | 33.816 | 1.499 | 31.348 | 4.378 | 17.161 |
| | % | 75% | 41% | 6% | 38% | 19% | 21% |
| Mandioca (aipim, macaxeira) | Nº | 20.855 | 49.818 | 826 | 13.187 | 42 | 2.665 |
| | % | 96% | 76% | 4% | 20% | 0% | 4% |
| Milho em grão | Nº | 64.945 | 20.515 | 8.019 | 14.782 | 2.072 | 3.078 |
| | % | 87% | 53% | 11% | 39% | 3% | 8% |
| Feijão fradinho em grão | Nº | 61.216 | 13.550 | 3.960 | 8.162 | 717 | 1.265 |
| | % | 93% | 59% | 6% | 36% | 1% | 6% |
| Classes de área | | Pequeno (0 a 100 ha) | | Médio (100 a 500 ha) | | Grande (500 ha acima) | |
| Ano | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Feijão verde | Nº | 14.418 | 8.848 | 1.301 | 2.825 | 281 | 313 |
| | % | 90% | 74% | 8% | 24% | 2% | 3% |
| Forrageiras para corte | Nº | 47.558 | 1.982 | 2.529 | 3.104 | 594 | 1.287 |
| | % | 94% | 31% | 5% | 49% | 1% | 20% |
| Sorgo forrageiro | Nº | 842 | 1.287 | 1.053 | 1.938 | 263 | 2.937 |
| | % | 39% | 21% | 49% | 31% | 12% | 48% |
| Feijão de cor em grão | Nº | 16.039 | 4.086 | 1.256 | 1.681 | 137 | 180 |
| | % | 92% | 69% | 7% | 28% | 1% | 3% |

| | | | | | | | |
|--|-----------|-------|-------|----|-------|----|-----|
| Abóbora, moranga, jerimum | Nº | 1.420 | 3.469 | 91 | 1.373 | 10 | 244 |
| | % | 93% | 68% | 6% | 27% | 1% | 5% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

Ao analisar o valor das produções das principais lavouras temporárias da Paraíba se constata que as pequenas propriedades contribuem em diversos cultivos, com índices superiores a 50%, mas que diminuem em termos absolutos e percentuais de 2006 a 2017. Os médios estabelecimentos em geral apresentaram crescimento nesse período. Nas grandes, por sua vez, com exceção da cana-de-açúcar e do sorgo em 2017, a representação desse estrato é pequena.

Tabela 7 – Paraíba: pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários total e sem laço de parentesco com o produtor - 2006 e 2017

| | | Pequeno | | Médio | | Grande | |
|--|-----------|--------------|---------|----------------|--------|----------------|--------|
| | | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| | | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Pessoal ocupado em estab. agropecuários (Pessoas) | Nº | 434.321 | 389.572 | 28.431 | 20.506 | 10.821 | 12.973 |
| | % | 92% | 92% | 6% | 5% | 2% | 3% |
| Pessoal ocupado em estab. agropecuários sem laço de parentesco com o produtor | Nº | 59.178 | 52.632 | 13.223 | 9.883 | 7.721 | 11.285 |
| | % | 74% | 71% | 17% | 13% | 10% | 15% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

Os dados censitários demonstram que, quase 430 mil, mais de 90% do total do pessoal ocupado no campo paraibano, em 2006 e 2017, estavam em pequenas estabelecimentos com menos de 100 ha. Desses, 59 mil não possuem laços de parentesco com os produtores, isso indica que esse grupo de área também é aquele que mais tem assalariados, apesar da produção ser eminentemente de caráter familiar. Os médios estabelecimentos são responsáveis por uma pequena parte do pessoal ocupado sem laços de parentesco com o produtor, respectivamente, 17% e 10%, em 2006 e 2017. Esses números são ainda menores se considerado o total do pessoal ocupado 5% e 3%. Os grandes estabelecimentos.

Tabela 8 – Paraíba: Número de estabelecimentos agropecuários que obtiveram financiamento por unidade (2006 e 2017)

| Classes de área | Pequeno | | Médio | | Grande | |
|-----------------|--------------|------|----------------|------|----------------|------|
| | (0 a 100 ha) | | (100 a 500 ha) | | (500 ha acima) | |
| | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 | 2006 | 2017 |
| Ano | | | | | | |

| Número de estabelecimentos agropecuários que obtiveram financiamento (Unidades) | Nº | 23.084 | 25.282 | 686 | 771 | 89 | 99 |
|--|-----------|--------|--------|-----|-----|----|----|
| | % | 97% | 97% | 3% | 3% | 0% | 0% |

Fonte: Censo Agropecuário IBGE (2006-2017)

Organização: Lucas Araújo Martins

Os dados censitários também demonstram que os principais beneficiários dos financiamentos, em números absolutos, são os proprietários de pequenos estabelecimentos agropecuários, tanto em 2006 quanto em 2017. Isso não significa que a maior parte dos estabelecimentos recebem financiamentos, menos de 7% dos pequenos estabelecimentos tiveram acesso aos financiamentos, esses créditos são importantes para custear a produção, auxiliar na comercialização das mercadorias e, ocasionalmente, para investimentos.

Vale destacar que a média de valores obtidos para financiamentos na Paraíba por pequenos, médios e grandes foi, respectivamente, de 2.890 R\$, 11.510 R\$ e 169.730 R\$. Ou seja, apesar de receber a maior quantia de financiamentos o valor repassado para os pequenos é muito menor que o valor repassado para as outras classes de área. Essa variável deixou de ser coletada e disponibilizada no censo de 2017, apesar da sua relevância para refletir sobre quem recebe recursos financeiros e as elaborações de políticas públicas de concessão de créditos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível observar contribuições dos dados censitários para analisar a questão agrária. Por meio dessas informações nota-se que os pequenos estabelecimentos têm o maior número de propriedades, é responsável pela maior parte da produção das lavouras temporárias, quase a totalidade das pessoas ocupadas estão nessas terras, porém tem a menor área total e recebe proporcionalmente menos recursos financeiros.

As análises sobre esses dados têm limites e necessitam de mais aprofundamento, sobretudo, no detalhamento em nível municipal, pois as contradições não se expressam de maneira homogênea no espaço agrário paraibano.

Uma problemática relacionada aos dados censitários é a alteração das variáveis de um censo para o outro, resultando na não padronização, por exemplo, em 2017 o levantamento sobre os valores obtidos para financiamentos deixou de ser realizado, o que afeta em estudos sobre esse indicador. Assim, é importante que não ocorram exclusões de questões que possam afetar as análises da série histórica.

Há também algumas dificuldades ao comparar os valores dos cultivos, sejam particularidades e variações que envolvem (preço da produção e da venda) ou na quantidade (quilos ou litros), entre outros.

Por fim, vale ressaltar que além das variáveis utilizadas ao longo desse texto, sobre características dos estabelecimentos, lavouras temporárias, movimentação financeira e pessoal ocupado. Os censos também coletam informações sobre outros temas, entre eles: agroindústria rural, características dos produtores, extração vegetal, floricultura, horticultura, lavouras permanentes, pecuária, silvicultura,

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Ou seja, o Censo é uma base de dados muito rica para quem se propõe estudar o espaço agrário e sua complexidade.

REFERÊNCIAS

GIRARDI, E. P. Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 347 f., 2008.

BARBOSA, H. J. N.; MITIDIERO JUNIOR, M. A. O que os dados do Censo Agropecuário IBGE (2006) revelam sobre o espaço agrário paraibano? In: Barbosa, Anieres S.; Gutierrez, Henrique E. P.; Galvão, Josias C. (Org.). **Paraíba 2. Pluralidade e Representações Geográficas**. 1ed. Campina Grande: EDUEFCG, 2017, v. 2, p. 1-420.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006a. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuário/censo-agropecuário-2006/segunda-apuração>>. Acesso em: 10 jun. 2007.

_____. **Censo agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017a. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuário/censo-agropecuário-2017>>. Acesso em: 10 jun. 2007.
MITIDIERO JUNIOR, M.A.; BARBOSA, H.J.N.; SÁ, T.H. QUEM PRODUZ COMIDA PARA OS BRASILEIROS? 10 ANOS DO CENSO AGROPECUÁRIO 2006. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 18, n. 3, p. 07-77, out. 2017. Quadrimestral.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997.

MOREIRA, E.; TARGINO, I.; ARAÚJO, N. Desempenho da agropecuária paraibana na década de 2000. **Revista Okara**, v. 8, p. 271-293, 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modernidade e Bárbarie: As transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Terra Livre**, v. 2, n.21, 2003.